



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Praia extensa, um farol, três homens e muitas histórias

Outras guerras (Companhia das Letras, 136 pág, R\$ 89,90), romance, é o décimo terceiro livro de Leonardo Brasiliense, escritor, roteirista de cinema e fotógrafo amador. Leonardo, multipremiado, já recebeu, entre outros, dois prêmios Jabuti e um Açorianos de Literatura, pelos livros *Adeus contos de fadas* e *Três Dúvidas*, e se consolidou como um dos grandes nomes da literatura gaúcha contemporânea.

Com uma linguagem clara, econômica e fluente e com diálogos vivos, Leonardo traz as vidas de três homens, marinheiros, que se encontram num farol para, durante 85 dias, mantê-lo funcionando.

Uma reportagem dos tempos da pandemia inspirou o autor a narrar os dramas de Agostinho, Ariel e Skawinski, num cenário dominado pela praia mais extensa do mundo. Em meio à areia, ao vento e à solidão e enfrentando seus próprios fantasmas,

os três vão vivendo a rotina do isolamento.

Agostinho, o mais velho, sofre com problemas com a bebida e pensa que, ao se voluntariar para trabalhar no farol, está purgando um ato sem perdão: alcoolizado e sem memória, foi acusado de algo abominável e não tem como se defender. Ariel, o mais novo, foge para tentar se encontrar. Nunca tomou decisões por conta própria. Na solidão dedica-se a seus orixás, procurando entender quem é. Skawinski está no farol pela culpa e pelo desejo. Cresceu sem a mãe, com um pai ausente e desde cedo foi cuidado por um meia-irmã mais velha. Ele desenvolveu um laço afetivo perigoso com ela, e aí resolveu se isolar no farol.

Identidade, redenção e pertencimento são temas que surgem no farol, estrutura que funciona como uma metáfora para vigilância, busca e resistência. No espaço inóspito e limitado do farol, os



três homens vão enfrentando o tempo, a culpa, o desejo e outras guerras internas que parecem não ter fim e que não podem ser vencidas.

Lançamento e sessão de autógrafos de *Outras Guerras* ocorrem hoje, 31 de Julho, às 19h, na Livraria da Travessa do Shopping Iguatemi, em Porto Alegre.

e palavras...

CONFRARIA DA GRAPPA

A Confraria da Grappa completou galhardamente sete anos em maio último. Ao que se sabe, é a única em seu gênero no Brasil. Numa linda festa de casamento, unidos pela amizade, gastronomia e apreciação de *grappas* da Vinícola Argenta, em Flores da Cunha, os confrades decidiram que, depois das *grappas* oferecidas por Deumir e Diego Argenta, iriam consolidar a irmandade reunindo-se periodicamente em torno de boa mesa, vinhos, *grappa*, charutos e conversas inspiradoras.

Alguns confrades levaram “de lembrança”, sob os paletós, garrafas de *grappa*, bebida com origens no Oriente Médio, no século VIII, e na Europa a partir do século XII, através dos mouros e seu governo na Sicília. Numa outra linda festa de casamento anterior, um confrade, que não revelarei o nome, levava, “de lembrança”, uma garrafa de *grappa* italiana. Não foi furto, claro, foi “estado de necessidade” e homenagem ao pai da noiva.

Consta que monges beneditinos deram uma consultoria da destilação da bebida, que se desenvolveu no norte da Itália, especialmente com Bortolo Nardini em Bassano Del Grappa, a partir de 1779. *Grappa* vem da palavra latina *grappa-polis*, que significa cacho de uva. No início a bebida feita de bagaço de uva era popular e usada pelo povão e pelos soldados no frio para suavizar o trabalho duro e a vida sofrida de subsistência. Hoje a *grappa* é requintada e a criação da Confraria, nascida referencial, pode ser considerada como seu ápice, especialmente no Cone Sul.

Atualmente contando

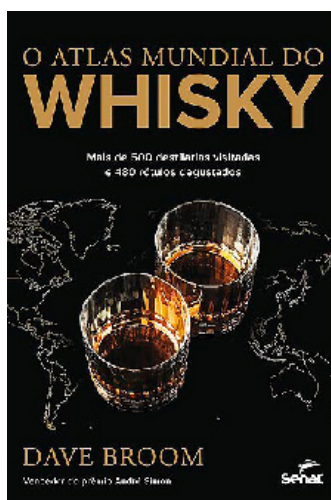
com estatuto lavrado com percuciência pelo ínclito Dr. Cláudio Xavier, um dos fundadores do sodalício grappeano, a Confraria teve como fundadores Dagoberto Zanon, Dakir Duarte, David Randon, Demóstenes Pinto, Jaime Cimenti, Luciano Martins Costa, Márcio Ramos, Marco Nahas, Martin Titon, Mércio Tumelero, Paulo de Tarso Sanseverino, Roberto Weber, Renato Malcon e Teófilo Garcia.

Vivemos numa época de relações líquidas, fugazes e dispersivas. Mas o líquido de uma garrafa de *grappa* sabe mais que as poderosas bibliotecas dos confrades reunidas e aí, especialmente no inverno, *grappa* e cafezinho aquecem as almas bondosas dos confrades. Caipirinhas e outros drinques com *grappa*, que em Portugal é conhecida como bagaceira e na Espanha como *orujo*, são boas ideias, assim como *grappa* com Red Bull para os jovens. Na culinária, a *grappa* é bem vinda, para flambar.

A Vinícola Argenta, a pedido, já produziu três diferentes safras de *grappa*, feitas no capricho, com bagaços de uvas *gewürztraminer* e apresentadas em garrafas especiais, com rótulo e contrarrótulo elaborados especialmente para a Confraria.

Grappa jovem ou branca, límpida e transparente, tem aromas mais intensos e frescos, com notas frutadas e florais. *Grappa* envelhecida em barris de madeira por ao menos doze meses tem cor levemente dourada e maior suavidade. *Grappa* envelhecida por 18 meses ou mais tem aromas mais complexos. A *grappa* extra velha, com seleção especial, é a mais sofisticada, com sabor rico e persistente.

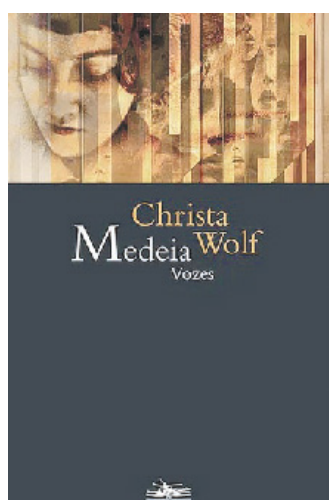
lançamentos



► **O Atlas Mundial do Whisky** (Editora Senac, 350 pág, R\$ 240,00), do especialista britânico Dave Broom, é resultado de um longo trabalho envolvendo mais de 500 destilarias e 480 rótulos degustados. O livro venceu o Prêmio André Simon e traz as principais escolas produtivas e as identidades regionais. Para elaborar a obra, o autor visitou dezenas de países e mostrou a diversidade de estilos em cada local. Obra que já nasce referencial e clássica.



► **Testemunha ocular** (Editora AGE, 126 pág, R\$ 55,00), do consagrado publicitário, poeta, cronista, compositor e escritor Luiz Coronel, traz belos e comoventes crônicas e poemas que tratam de glaucoma, pandemia, enchente, tempo, memórias, vida, morte, insônia, amor, esperança e muitos outros temas que estavam guardados no infinito baú de lembranças do poeta, que escreveu: “Glaucoma, glaucoma,/ é potro que ninguém doma.”



► **Medeia - Vozes** (Estação Liberdade, 208 pág, R\$ 56,00), obra de Christa Wolff (1929-2011), grande escritora alemã, reconta o mito da feiticeira grega Medeia e desconstrói a versão de Eurípedes. A obra tem seis personagens diferentes, envolvidos em um total de onze monólogos interiores. Cada um expõe uma perspectiva sobre Medeia, revelando, por meio do cruzamento de diferentes manifestações, as intrigas políticas e o machismo da época.

a propósito

Em vista da pátina do tempo sobre os vitoriosos primeiros sete anos e da *expertise* acumulada, a Confraria da Grappa, atualmente presidida pelo ilustre e laborioso confrade Martin Titon, pensa no futuro. A Confraria poderá promover eventos beneficentes, sociais, culturais e está aberta para receber produtos de nível superior para degusta-

ção e estabelecer intercâmbios diversos com entidades brasileiras e estrangeiras. As portas e as garrafas da Confraria estão abertas para as pessoas e para o futuro, tudo sob as bênçãos dos beneditinos, que são pacientes e generosos como os confrades. Vida longa para os confrades e para a Confraria! Saúde!

(Jaime Cimenti)